



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13481 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT12 - Currículo

PRATICANTES PERFORMERS NO COTIDIANO ESCOLAR

Leonardo Santos de Albuquerque Junior - SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

PRATICANTES PERFORMERS NO COTIDIANO ESCOLAR

Resumo: Essa pesquisa é orientada com base em noções do campo das pesquisas com os cotidianos que entende a necessidade de pesquisar o currículo como produção cotidiana (GARCIA, 2015) com todos os sentidos, por poéticas que possibilitem a dimensão estética em que os corpos produzam presença (GUMBRECHT, 2010) se afirmando como parte constituinte das redes de saberes por performances cotidiana que compreendam a inscrição corporal no cotidiano escolar como experiências ordinárias (CERTEAU, 2014). Nesse sentido, para problematizar o corpo na escola e as formas de escapar aos controles disciplinares faço uso da racionalidade estético-expressiva (SANTOS, 2007) que é pela arte que nossas corporeidades (LE BRETON, 2012) são vividas como “*poéticas que explicitam as redes de sentidos*” (VICTORIO FILHO E BERINO, 2014, p.240). Essa pesquisa se baseia na sociologia das ausências (SANTOS, 2006) ao defender a compreensão metodológica de desinvisibilização das práticas que estão acontecendo no cotidiano como recriações do possível ao abordar as performances por narrativas que resultam, pelo seu compartilhamento coletivo nos encontros (GARCIA, 2015) de sala de aula, a possibilidade de outras produções de sentido em relação aos controles que incidem sobre os corpos no espaço e tempo da escola.

Palavras-chave: Praticantes performers, Currículo, Cotidiano escolar, Disciplina.

A presente pesquisa é um exercício cotidiano que desenvolvo com meus alunos e alunas nas turmas de ensino médio que dou aula de sociologia em um CIEP em Duque de

Caxias-RJ como professor da SEEDUC-RJ. É uma experiência ordinárias (CERTEAU, 2014) produzidas para dar conta das contingências do cotidiano. Desse modo, trago como referência a sociologia das ausências e de que forma ela possibilita problematizar ações que visam *“libertar as práticas sociais de seu estatuto de resíduo, restituindo-lhes a sua temporalidade própria e, assim, a possibilidade de desenvolvimento”* (SANTOS, 2006, p.791).

O objetivo geral dessa pesquisa é perceber de que forma as práticas curriculares que transitam no espaçotempo da escola atravessam e produzem práticas de controle nos corpos dos praticantes no cotidiano escolar. Partindo do pressuposto de que o currículo é uma produção cotidiana (GARCIA, 2015) e tem materialidade, ele cria um espaço e tempo próprio que institui nos corpos desses praticantes a ideia do que deve ser o professor, o aluno, o funcionário, ou seja, produzem fazeres e saberes, autorizações e impedimentos a partir dos papéis desempenhados pelos sujeitos que vivem o cotidiano de uma escola. O objetivo específico é problematizar a produção de currículo no cotidiano a partir das experiências ordinárias dos estudantes, de suas práticas performativas, dos modos que usadas para se desvencilharem, e até mesmo, transgredirem os disciplinamentos e controles que incidem sobre seus corpos. Nesse caso, como suas práticas instauram outros caminhos possíveis, isoladamente e/ou em grupo, por meio de mobilizações recriações do possível, que tenham um caráter estético, político e epistemológico ao produzirem táticas (CERTEAU, 2014) que limitam os impactos restritivos em seus corpos quando são atravessados por medidas disciplinares.

No que se refere a metodologia a pesquisa tem a preocupação com a concretude e presença dos corpos que (r)existem e transitam nos espaços e tempos vividos no cotidiano escolar para que não apareçam como corpos desvitalizados. Os estudantes em suas ações cotidianas ocupam e existem no cotidiano escolar por meio de sua corporeidade (LE BRETON, 2012), com os corpos inseridos em redes de sentidos sociais e culturais que são atravessados por ações que expressam o simbólico no agir e que traz consigo suas representações e imaginários. A pesquisa trabalha com a produção de narrativas dos estudantes para problematizarmos de que modo acontece a materialidade do controle sobre seus corpos nos espaços e tempos escolares, e de que modo buscam escapar aos controles. Para isso, o exercício praticado é o de se deixar atravessar pela ambiguidade entre as barreiras criadas entre o real e ficcional, para multiplicar as percepções do viver e se permitir se relacionar com outras possibilidades de ações no cotidiano da escola. Os exercícios de sala de aula são exercícios de percepção pelo sentir, em como os sentidos são afetados e incorporam táticas dos praticantes para se desvencilharem dos controles disciplinares. Para isso, exercitamos por oficinas de escrita de textos, pela “invenção” de si, a produção de narrativas autoficcionais (FAEDRICH, 2013) como ampliação da ideia de real, exercitamos narrativas filmicas - fazendo filmes como forma de percepção do corpo e sua relação espacial e temporal, produzimos narrativas fotográficas como captação do momento e da importância do instante, produzimos narrativas sonoras pela captação de áudios como exercício de percepção da multiplicidade de sons que ocupam os espaços. Todos esses exercícios com a utilização de

telefones celulares como modos de percepção de si e dos outros.

É imprescindível exercícios de percepções sobre o mundo a sua volta, e se apropriar de narrativas que resultem, pelo seu compartilhamento coletivo, na possibilidade de outras produções de sentido em relação aos controles que incidem sobre os corpos no espaço e tempo da escola. Ou seja, produzir performances no dia-a-dia, por meio da arte *“rompe a evidência sensível da ordem “natural” que destina os indivíduos e os grupos ao comando ou à obediência, à vida pública ou a vida privada, voltando-os sobretudo a certo tipo de espaço ou tempo, acerta maneira de ser, ver e dizer”*. (RANCIÈRE, 2014, p.60). Sendo assim, os praticantes do cotidiano escolar como praticante performer compreendem seus corpos como suportes vivos que produzem presença (GUMBRECHT, 2010) ao se relacionarem com outros praticantes, porque envolve alteridade, em encontros (GARCIA, 2015) que buscam dar significado as percepções e a produções de outros sentidos em suas vidas. Desse modo, é o exercício da racionalidade estético-expressiva (SANTOS, 2007) incorporando nas narrativas ações permeáveis e inacabadas de corporeidades trazendo e reescrevendo de modo performativos *“poéticas que explicitam as redes de sentidos por meio das quais jovens autores escrevem e descrevem suas vidas”*. (VICTORIO FILHO E BERINO, 2014, p.240).

A discussão que se propõe tem a performance como forma de negociação entre corpos que ocupam o mesmo espaço, e também, transgressão dos controles disciplinares que incidem sobre eles no cotidiano escolar. A alteridade é um componente importante na possibilidade dos corpos que habitam o cotidiano escolar produzirem fissuras nas ideias generalistas de currículo e de corpo como um conceito moderno imobilizado na prisão do automatismo técnico-científico (SANTOS, 2007, p. 76). Sendo assim, a pesquisa discute as produções e invenções por meio de repetições vividas nas rotinas do dia-a-dia da escola, agindo através das repetições do cotidiano, pois nenhuma ação é vivida por meio de roteiros pré-determinados. Exercitar a produção de performances na sala de aula é exercitar a atenção sobre as próprias ações percebendo a capacidade do corpo, de corpos que têm memória, desejo, necessidade do gozo, necessidade de luta para não ser apagado pelos controles disciplinares. É o questionamento da ideia generalista de currículo, fechada e formatada para produzir naturalizações dos corpos no cotidiano. O currículo externo ao cotidiano escolar tenta transformar os estudantes em executores que reagem por meio de induções e programações, corpos autômatos que executa uma mensagem, moldável por e para obediência e controle. Como consideração, qual o projeto de aluno se espera a partir dessa percepção de currículo e escola, principalmente, agora, com a implementação do NEM - o novo ensino médio nas escolas públicas populares de periferia? O que fica desses corpos após o processo de escolarização básica, no qual, desde a educação infantil tem em seus corpos a ação socializadora e disciplinar de modelagem de sua singularidade, ou seja, o que fica após longos anos em que a ação disciplinadora vai recalcado as singularidades que constituem os estudantes do momento que entram na escola a partir da infância até o final do ensino médio?

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FAEDRICH, Anna. Escritas do eu: o perfil da autoficção. In: MELLO, Ana Maria de Lisboa de (org.). *Escritas do eu: introspecção, memória, ficção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- GARCIA, Alexandra. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. et al. (Orgs.). *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. Petrópolis: DP et alii, 2015. v. 1, p. 289-304.
- GARCIA, Alexandra. O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas. In: 37ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2015, Florianópolis. *Anais da 37ª Reunião Científica da ANPED*. Florianópolis: ANPED/UFSC, 2015. v. 1.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____ (org.) *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da Razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2007.
- VICTORIO FILHO, A. BERINO, A. Na vida ordinária das escolas, as grandes proezas: pesquisar entre narrativas e imagens. In: Inês Barbosa de Oliveira; Alexandra Garcia. (Org.). *Aventuras do conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisas em educação*. 1ed. Petrópolis, RJ: De Petrus, 2014, v. 1, p. 229-243.